

**CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO ANDREW
JUMPER**

CLAUDIO BIAZON

**OS COLPORTORES E SUA MISSÃO: UMA ANÁLISE DO TRABALHO
MISSIONÁRIO DOS COLPORTORES NO TERRITÓRIO BRASILEIRO**

**SÃO PAULO
2022**

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO ANDREW JUMPER

CLAUDIO BIAZON

OS COLPORTORES E SUA MISSÃO: UMA ANÁLISE DO TRABALHO
MISSIONÁRIO DOS COLPORTORES NO TERRITÓRIO BRASILEIRO

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper como requisito para obtenção do título de Magister Divinitatis (M.Div.) em Estudos Histórico-Teológicos.

Orientador: Prof. Dr. Alderi Souza de Matos.

SÃO PAULO
2022

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da Mackenzie
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

| | |
|-------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| B576c | <p>Biazon, Claudio.</p> <p>Os Colportores e sua missão: Uma análise do trabalho missionário dos colportores no território brasileiro : [recurso eletrônico] / Claudio Biazon. 337 KB ;</p> <p>Monografia (Magister Divinitatis) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2023. Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Alderi Souza de Matos Matos. Referências Bibliográficas: f. 34-34.</p> <p>1. Colportores; Bíblia; Literatura; Missão. I. Matos, Alderi Souza de Matos, <i>orientador(a)</i>. II. Título.</p> |
|-------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Bibliotecário(a) Responsável: Eliezer Lírio Dos Santos - CRB 8/6779

CLAUDIO BIAZON

OS COLPORTORES E SUA MISSÃO: UMA ANÁLISE DO TRABALHO
MISSIONÁRIO DOS COLPORTORES NO TERRITÓRIO BRASILEIRO

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper como requisito para obtenção do título de Magister Divinitatis (M.Div.) em Estudos Histórico-Teológicos.

Orientador: Prof. Dr. Alderi Souza de Matos.

Aprovação 25 / 11 / 2022

Orientador: Prof. Dr. Alderi Souza de Matos

Folha de Identificação da Agência de Financiamento

Autor: **Claudio Biazon**

Programa: (M.Div.) em Estudos Histórico-Teológicos.

Título do Trabalho: OS COLPORTORES E SUA MISSÃO: UMA ANÁLISE DO TRABALHO MISSIONÁRIO DOS COLPORTORES NO TERRITÓRIO BRASILEIRO

O presente trabalho foi realizado com o apoio de:

- Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Integral das Mensalidades
- Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Parcial das Mensalidades

Resumo: A história dos colportores é pouco contada em nosso meio, muitos nunca ouviram falar deste nome. Os colportores foram heróis pioneiros na evangelização do Brasil em um período anterior à chegada dos primeiros missionários no país. O seu trabalho, junto com as sociedades bíblicas estrangeiras, era vender Bíblias, Folhetos e Literaturas editadas por organizações protestantes. A presente monografia visa demonstrar a importância do trabalho evangelísticas destes homens, que ao vender as Escrituras, liam e ensinavam seu texto por onde passavam, deixando a colheita pronta para os missionários que viriam posteriormente.

Palavras-chave: Colportores; Bíblia; Literatura; Missão.

Abstract: The history of colporteurs isn't told much nowadays. Many have never heard of this name before. Colporteurs were pioneering heroes in the evangelization of Brazil in a period before the arrival of the first missionaries in the country. Their job, along with the foreign Bible societies, was to sell Bibles, pamphlets, and religious literature published by Protestant organizations. The present monograph aims to demonstrate the importance of the evangelistic work of these men, who, when selling the Scriptures, read and taught their content wherever they went, leaving the harvest ready for the missionaries who would come later.

Keywords: Colporteurs; Bible; Literature; Mission.

Sumário

| | |
|------------------------------------------------------------------------------|----|
| Introdução | 8 |
| 1. As Sociedades Bíblicas Internacionais..... | 9 |
| 1.1 A Bíblia na prisão..... | 9 |
| 1.2 A reforma protestante pretende colocar a Bíblia na mão do povo. | 10 |
| 1.3. Uma história que comoveu um país..... | 12 |
| 2. O Trabalho das Sociedades Bíblicas no Brasil. | 14 |
| 2.1. Remessa para o Brasil. | 15 |
| 2.2. O início do que seria a colportagem. | 16 |
| 2.3. Algumas barreiras vencidas..... | 16 |
| 2.4. Os pioneiros da obra missionária..... | 18 |
| 3. Os colportores como braço forte da missão..... | 20 |
| 3.1. A Bíblia na educação formal do brasileiro..... | 21 |
| 3.2. A Bíblia era completamente desconhecida..... | 22 |
| 3.3. Um anúncio na imprensa para venda de Bíblia. | 24 |
| 3.4. Dificuldades com o anúncio. | 24 |
| 3.5. Dificuldades com a ignorância do povo. | 25 |
| 3.6. Dificuldades com o transporte..... | 27 |
| 3.7. Os agentes das sociedades bíblicas começam a contratar colportores..... | 29 |
| 3.8. Os colportores antecedendo os missionários..... | 30 |
| 3.9. A colportagem como meio de sustento e preparo dos seminaristas. | 31 |
| 3.10. As perseguições aos colportores..... | 33 |
| 3.11. Colportores auxiliando o serviço pastoral..... | 34 |
| Conclusão | 36 |
| Referências..... | 37 |

INTRODUÇÃO

A história dos colportores ainda é pouco conhecida, mas esses heróis precisam ser lembrados pelo esforço e trabalho pioneiro que tiveram na evangelização dos nossos irmãos brasileiros, em um período anterior à chegada dos primeiros missionários neste país e da chegada de missionários e pastores a localidades específicas.

Mesmo sem uma preparação teológica clássica, os colportores foram os principais responsáveis pela difusão da Bíblia no Brasil. Com muito esforço eles percorreram os rincões deste país levando Bíblias, folhetos e livros editados por organizações protestantes, promovendo para a população em geral um conhecimento ímpar da Palavra de Deus.

Um conhecimento ímpar, pois tal conhecimento não era difundido pelo Catolicismo Romano, que não permitia a leitura das Sagradas Escrituras pelos leigos. Somente o sacerdote poderia transmiti-la como e quando achasse necessário, sendo ele seu único expositor. Este é o entendimento da Igreja Romana para que os ensinamentos contidos na Bíblia não sejam mal interpretados, e assim a distribuição das Escrituras ao povo foi proibida. Como a religião oficial do Brasil Império era o catolicismo, isso perdurou por muitos anos neste país.

A intenção desta monografia é demonstrar a importância do trabalho dos colportores em sua época. O trabalho destes homens foi profundamente evangelístico, levando algo até então desconhecido, que era a Bíblia Sagrada, a Palavra de Deus, até então em posse dos sacerdotes da igreja romana, o que ajudou a introdução da igreja reformada.

Os colportores forneceram a base para os primeiros missionários e pastores reformados, pois a Bíblia já estava sendo lida antes de sua chegada, facilitando o trabalho, pois já existiam homens e mulheres interessados em sua palavra.

Ao analisar o trabalho de colportagem neste resgate histórico, pretendemos reconhecer o esforço destes homens valorosos em sua obra, evidenciando que o pioneirismo do seu trabalho trouxe para eles perigos de prisão ou espancamento, por introduzirem algo novo e contrário à igreja romana.

1. AS SOCIEDADES BÍBLICAS INTERNACIONAIS

A Bíblia que nós conhecemos hoje, que temos a possibilidade e a facilidade de acessar em qualquer tempo e de diversos formatos, nem sempre teve essa total liberdade. As Sagradas Escrituras sofreram um grave aprisionamento pela igreja romana na Idade Média.

1.1 *A Bíblia na prisão*

Para a Igreja Romana as Sagradas Escrituras devem ficar com o sacerdote, como se ele fosse um guardião da Palavra, transmitindo-a como e quando achar necessário e sendo o seu único expositor. Esse entendimento tinha em vista que os ensinamentos contidos na Bíblia não fossem mal interpretados, e assim a distribuição das Escrituras ao povo foi proibida.¹

Outro problema que afastou a Bíblia do povo estava no clero, que, temeroso de novas heresias, proibiu que o homem comum tivesse acesso à mesma. O papa Inocêncio III criou um edito em 1199 que oficializa o sacerdote como o único ou o principal guardião das Escrituras, dando-lhe uma autoridade quase que sobrenatural.

A Bíblia era reverenciada pelos monges e sacerdotes da igreja, e na Idade das Trevas estava em evidência para essa categoria de pessoas, mas seu conteúdo não era revelado abertamente em público. Nas fortalezas monásticas as Escrituras eram fundamentais e os monges passavam horas a fio copiando e adornando o texto com ilustrações.²

As passagens bíblicas que o clero e os pregadores resolviam apresentar para o povo eram livremente mescladas com citações de livros apócrifos e histórias das vidas dos santos. O material bíblico apresentado ao povo era mínimo, e muitas vezes misturado, não deixando o povo saber realmente o que era bíblico e o que não era.³

Os eruditos da igreja possuíam uma grande reverência por todas as passagens bíblicas e sabiam que para entendê-las precisavam de treinamento prévio para poder avançar nos estudos teológicos. Com isso surgiu a dúvida de que grau de conhecimento bíblico era preciso para um leigo, pois entendiam que a Bíblia dava conforto às almas, mas também

¹ SCHAFF. David S. *Nossa crença e a de nossos pais*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1964, p. 173.

² FERNANDEZ-ARMESTO. Felipe. *Reforma: o cristianismo e o mundo 1500-2000*. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 51 e 52.

³ *Ibid.*, p. 52.

que a maioria das pessoas não possuía recursos para discernir a verdade. Aelfric de Eynsham, monge e erudito, tinha uma posição firme de que a simples posse da Bíblia não tinha valor nenhum e relutava em permitir que partes das Escrituras caíssem nas mãos de iletrados.⁴

O temor do clero de que a população acessasse as Escrituras de forma indisciplinada estava baseado nas heresias que foram surgindo ao longo do tempo. Duzentos anos depois de Aelfric, Inocêncio III se viu no meio de graves surtos heréticos e decidiu que a Bíblia não era para todos os homens em todos os lugares, decretando assim que o sacerdote era o único guardião das Escrituras.

As heresias que começaram a surgir no sul da França e no norte da Itália, no final do século XII, foram iniciadas pelo fato característico do uso da Bíblia em traduções feitas para o povo. Nos autos de julgamento dos cátaros, eram sempre acusados de usarem o Evangelho de João. Seus contemporâneos, os valdenses, introduziram traduções do Novo Testamento e dos Salmos na Itália e mais ao norte.⁵

O edito de proibição do uso das Escrituras pelo povo comum promulgado por Inocêncio III foi motivado pela notícia de que, em Metz, um grupo de heréticos estava lendo os Evangelhos e outras porções da Escritura em tradução gaulesa. A interpretação de Inocêncio III desse fato é que o povo de Metz estava desprezando o sacerdote e buscando a compreensão das Escrituras sozinho. Disse ainda que a massa inculta e vulgar não deveria tocar na sublimidade das Sagradas Escrituras.⁶

1.2 A Reforma Protestante pretende colocar a Bíblia na mão do povo

As Escrituras Sagradas permaneceram por centenas de anos escondidas do povo comum, presas pela igreja medieval, que se baseava num conceito de autoridade ímpar com relação à revelação de Deus para o seu povo. A luta que homens piedosos travaram contra essa ideia foi árdua, e levou muito tempo até que ela fosse libertada.

A luta só foi possível graças ao contexto humanista e renascentista em que viveram muitos cristãos da época medieval. É possível que fora desse movimento os reformadores

⁴ FERNANDEZ-ARMESTO, *Reforma: o cristianismo e o mundo 1500-2000*, p. 56.

⁵ SCHAFF, *Nossa crença e a de nossos pais*, p. 178.

⁶ *Ibid.*, p. 179.

não tivessem conseguido abalar o poderoso edifício da igreja medieval e suscitar sentimentos contrários a crença mística e tradicional em que estava firmado.⁷

Com o retorno às fontes originais e o despertar para o estudo dos originais bíblicos, os cristãos começaram a perceber diferenças fortes e relevantes entre princípios do Novo Testamento e a religião romana. Podemos perceber com este fato que os períodos de crise são mais propícios para a teologia do que os tempos de riqueza espiritual.⁸

O desenvolvimento teológico desse período foi inevitável e sua consequência mais importante foi uma revalorização das Escrituras como um recurso teológico, e acima de tudo, um desenvolvimento cristão baseado na Bíblia.

Com o crescimento do interesse pelas Escrituras, ficou claro para os cristãos que as traduções que eles possuíam, basicamente a Vulgata Latina, não estavam adequadas. Diante de tantos problemas de tradução perceberam que era necessária uma revisão teológica na igreja.⁹

Podemos observar essa mudança de pensamento na vida e obra de Erasmo de Roterdã. Erasmo é considerado o escritor humanista mais importante do Renascimento e teve um profundo impacto sobre a teologia na primeira metade do século 16. Seu trabalho ajudou a estruturar as bases intelectuais da Reforma. Sua obra *Enchiridion Militis Christiani* (Manual do Soldado Cristão) mudou a compreensão dos leigos sobre si mesmos.¹⁰

Essa obra teve como base uma carta que Erasmo escreveu a um oficial que estava impressionado com a sua conversão, mas que tinha uma vida boêmia. A pedido da esposa desse oficial, Erasmo escreveu uma série de conselhos religiosos nos quais demonstrou possuir uma grande concepção evangélica da religião.¹¹

Erasmo desenvolveu essa obra com a ideia de que a igreja da época poderia ser reformada por uma volta coletiva aos escritos dos pais da igreja e às Escrituras. Ela demonstra que a leitura regular das Escrituras é a chave para uma nova piedade leiga, com base na qual a igreja poderia ser renovada e reformada. A compreensão de Erasmo era que a religião

⁷ COSTA, Hermisten M. P. *Raízes da teologia contemporânea*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 78. Cf. Nota 36.

⁸ Ibid.

⁹ MCGRATH, Alister E. *Teologia histórica*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p. 138 e 139.

¹⁰ Ibid., p. 134.

¹¹ CANUTO, João S. *Os reformadores*. Ourinhos: Edições Cristãs, 1983, p. 64.

cristã sugere a leitura das Escrituras que transforma seus leitores, dando uma nova motivação para amar a Deus e ao próximo.¹²

A Bíblia passou a ser traduzida em todos os países que foram impactados com a Reforma. As versões eram revisadas e editadas conforme se via necessidade, sempre para manter a fidelidade aos originais e a clareza necessária para o crente. Esse movimento reformista de traduzir as Escrituras foi o centro do movimento em toda a Europa.¹³

Para os protestantes, que abraçaram integralmente as ideias da Reforma, a Bíblia é um livro popular e deve estar nas casas das pessoas e na cabeceira de suas camas, assim como na igreja e no gabinete do erudito. A Bíblia deve ser livre como o ar e a luz do sol, pois ela é o livro da vida, o livro que traz a mensagem do Evangelho, a mensagem de salvação. Como devemos evangelizar as pessoas de maneira franca e compreensível, as Escrituras também devem estar dessa forma para todos, por isso não podemos esconder tal preciosidade para um grupo seletivo de pessoas.¹⁴

1.3. Uma história que comoveu um país

Mary Jones é uma menina nascida em 1729 que morava no País de Gales, no Reino Unido, e com apenas oito anos de idade sonhava em ter a sua própria Bíblia. Como Mary Jones frequentava uma igreja e costumava ouvir a leitura das Escrituras, queria poder ler aquelas maravilhosas histórias em sua própria casa.

A história dessa pequena garotinha pode nos ajudar a compreender o desejo da época em que as pessoas comuns almejavam possuir uma Bíblia.

A pequena Mary Jones percebeu que possuía duas grandes dificuldades para realizar o seu sonho. A primeira dificuldade era que a criança ainda não sabia ler, pois não havia escolas na redondeza. A segunda dificuldade era o custo daquele livro, porque naquele tempo tanto as Bíblias, como quaisquer outros livros, eram caros e raros.¹⁵

Não muito diferente das outras pessoas de todo o mundo, a menina era muito pobre, vinha de uma família bem humilde e não possuía recursos para esse fim.

¹² MCGRATH, Alistar E. *Teologia histórica*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p. 134.

¹³ COSTA, Hermisten M. P. *Raízes da teologia contemporânea*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 56.

¹⁴ SCHAFF, David S. *Nossa crença e a de nossos pais*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1964, p. 172.

¹⁵ GIRALDI, Luiz Antônio. *A Bíblia no Brasil Império: Como um livro proibido durante o Brasil Colônia tornou-se uma das obras mais lidas nos tempos do Império*. Sociedade Bíblica do Brasil. Edição do Kindle. Local do Kindle 1401.

Porém, a primeira dificuldade de Mary Jones logo foi solucionada. Quando ela completou dez anos, seu pai a matriculou em uma escola que estava sendo inaugurada em uma vila próxima. Como ela possuía uma motivação excelente para aprender a ler, logo se tornou a primeira aluna da classe.

Tendo a primeira barreira vencida, Mary Jones se preparava para enfrentar a outra dificuldade, que era o custo do livro. A pequena criança de pouco mais de dez anos começou a juntar dinheiro para comprar a sua tão sonhada Bíblia.

Apanhava lenha na mata para as pessoas idosas, comprou galinhas para vender os ovos, aprendeu a costurar para fazer pequenos reparos, e com todas essas tarefas em quatro anos ela conseguiu o valor necessário.

O pastor da sua igreja lhe informou que só poderia comprar a Bíblia na cidade de Bala, a 40 quilômetros de onde morava. Nessa cidade vivia o Rev. Thomas Charles, que possuía alguns exemplares para venda. Quando Mary Jones fez toda essa jornada de 40 quilômetros a pé, chegou à casa do Rev. Thomas, contou para ele toda a sua jornada e comoveu o pastor com toda a sua história.¹⁶

Esse episódio ficou bem conhecido e um grupo de pessoas se reuniu em Londres, em 1804, para organizar uma sociedade com o propósito de traduzir, imprimir e distribuir Bíblias para o mundo todo com preços acessíveis a todas as pessoas. Com isso em 7 de março de 1804 foi fundada a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira.

A Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira foi sem dúvida a sociedade bíblica mais influente, porém não a primeira, pois antes dela movimentos na Europa e nos Estados Unidos organizaram sociedades parecidas. Na Alemanha, foi organizada em 1710, pelo barão Carl Hildebrand von Canstein, uma organização para produzir e distribuir a Bíblia a baixo custo.¹⁷

Todo esse movimento que culminou na criação da SBBE na Inglaterra inspirou o nascimento da Sociedade Bíblica Americana (SBA), nos Estados Unidos, que em 1816, organizou diversas pequenas sociedades com esse mesmo fim. Seu objetivo era promover

¹⁶ Ibid. Locais do Kindle 1426-1427.

¹⁷ Ibid. Locais do Kindle 1379-1380.

a distribuição de Bíblias em inglês, na versão King James, mas faria esforços para alcançar outros países.¹⁸

Não podemos deixar de destacar que todas essas sociedades davam grande atenção à obra missionária, pois agora elas empreenderiam esforços para enviar seus agentes a outros países com o intuito de difundir as maravilhas que a Palavra de Deus pode fazer na sociedade.

2. O TRABALHO DAS SOCIEDADES BÍBLICAS NO BRASIL

A recém-criada Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira começa a publicar Bíblias em português logo no seu início. Tal decisão resultou de um fato histórico interessante.

No ano de 1807 Napoleão Bonaparte invadiu Portugal, forçando a emigração de milhares de portugueses para a Inglaterra, o único país da Europa que resistia ao imperador francês.

O príncipe regente de Portugal, o futuro D. João VI, teve uma estratégia de defesa brilhante, pois antes de ser deposto por Napoleão, retirou-se com a corte para o Brasil, a fim de administrar dali o seu reino, e com isso abriu os portos do país para todo o mundo.

A Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira teve a grande ideia de aproveitar esse momento. Decidiu produzir Novos Testamentos em português para enviar aos refugiados que estavam em seu país e também para as colônias portuguesas, que agora tinham livre navegação e comércio por conta da aliança entre a Inglaterra e Portugal.¹⁹

Com essa estratégia traçada, a SBBE começa a revisar em 1808 o Novo Testamento em português que havia sido traduzido por João Ferreira de Almeida e já no ano seguinte fez uma edição de 5000 exemplares.

Os agentes da SBBE enviavam relatórios periódicos para a Sociedade e mediante esses relatórios podemos observar os impactos dessas publicações ao chegarem a seus destinos. Com a perspectiva correta, a Sociedade poderia traçar novos planos. Uma boa perspectiva que foi notada em um dos relatórios apreciados é que a preocupação com os mais pobres estava sendo observada.

No ano de 1811, uma grande distribuição de Novos Testamentos em português chegara a Lisboa e o relatório do agente em Lisboa dizia que todos os níveis sociais apreciavam

¹⁸ Ibid. Locais do Kindle 1919-1920.

¹⁹ Ibid. Local do Kindle 1470.

muito aquela publicação.²⁰ Esse fato que ocorreu tão cedo na história da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira mostra que a preocupação de levar as Escrituras a todo o mundo com um preço acessível para que todas as pessoas pudessem ser beneficiadas com a Palavra de Deus estava sendo cumprida.

2.1. Remessa para o Brasil

Até o ano de 1808 a exportação de Bíblias para o Brasil era proibida. Em Portugal já era permitido ter a Bíblia traduzida para a língua do povo, mas a proibição de entrada no Brasil ainda estava em vigor.²¹

Somente com o decreto do rei D. João VI de abertura dos portos em 28 de janeiro de 1808, o país teve a liberação de entrada de livros.

No ano de 1817 uma pequena remessa de Bíblias em português foi enviada para o Brasil. Um lote com 25 Novos Testamentos foi solicitado pelo senhor Henry Kester, que morava na cidade de Liverpool.²² Não sabemos como essa remessa chegou ao Brasil e tão pouco quem as recebeu, mas essa informação demonstra que já havia procura da Palavra de Deus em nosso país, e que essa foi a primeira de muitas remessas.

A Sociedade Bíblica Americana também se dispôs a enviar Bíblias para o Brasil. Já no ano de 1822 a SBBE, pouco tempo depois da organização da SBA, destacou em um dos seus relatórios o apoio da SBA no sentido de distribuir Bíblias em português no Brasil.

Sabe-se que foram enviados outros exemplares para o Brasil nessa época, porém a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira não possuía em territórios nacional um agente oficial. As Bíblias eram então enviadas por meio de imigrantes portugueses, de viajantes ingleses e principalmente de capitães de navios.

Isso indicava a necessidade de representantes no país, que se mostrava promissor em receber os exemplares em português. Até então não tínhamos nenhuma pessoa que se dispunha a distribuir as Escrituras, que invariavelmente ficavam com os imigrantes.

²⁰ Ibid. Local do Kindle 1483.

²¹ COSTA, Hermisten M. P. *A inspiração e inerrância das Escrituras*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p. 149.

²² GIRALDI, *A Bíblia no Brasil Império*, local do Kindle 1486.

2.2. O início do que seria a colportagem

A igreja romana nunca teve o desejo de apresentar a Palavra de Deus ao povo, por isso a Bíblia era algo quase inexistente no país.

Um capelão inglês chamado Rev. Boys, desembarcou em 1819 no Rio de Janeiro e passou algum tempo por lá. Ele escreveu para a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira dizendo que estava impressionado com a falta de Bíblias na cidade.²³

No Brasil nós nunca teríamos pessoas como Mary Jones, que, ao ouvir da Palavra de Deus, se sentiu desejosa de conhecer ainda mais dessa Palavra bendita. Nas igrejas romanas que aqui estavam não se falava da Palavra de Deus, deixando o povo submerso em seu misticismo.

A Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira então decidiu entrar em contato com pessoas influentes no Brasil para serem representantes não oficiais da SBBE e esses representantes receberiam as Escrituras em consignação para serem vendidas ou doadas conforme viam a necessidade.

No ano de 1822, a SBBE recebeu uma carta do senhor E. R. Fletcher, do Recife, Pernambuco, solicitando uma remessa de Bíblias. Ele afirmou que todas as classes sociais estavam ansiosas por receber a Bíblia e que ele mesmo se comprometeria em distribuir.²⁴

A Sociedade Bíblica Americana, no ano de 1826, também intensificou sua distribuição de Bíblias no Brasil com o apoio de diplomatas, oficiais da marinha e negociantes. Essas Bíblias eram deixadas em consignação com comerciantes estabelecidos nas principais cidades e portos do país.²⁵

Aqui está o início do trabalho de colportagem no país. Esta iniciativa fez com que a distribuição da Bíblia aumentasse muito, trazendo a curiosidade e a satisfação de ter o Livro Sagrado nas mãos, fato este que nunca havia acontecido no Brasil até então.

2.3. Algumas barreiras vencidas

Nesse período de início da colportagem, quando os agentes não oficiais das associações bíblicas começavam a vender Bíblias, percebemos que algumas barreiras começavam a

²³ Ibid. Local do Kindle 1582.

²⁴ Ibid. Local do Kindle 1593.

²⁵ Ibid. Local do Kindle 1946.

ser vencidas, o que demonstra um estímulo para a chegada de agentes oficiais e colportores no país.

A primeira barreira vencida foi a financeira. Na carta que o senhor E. R. Fletcher enviou à SBBE em 1822, ele afirmava que o governo estava permitindo a sua importação livre de impostos alfandegários. Isso traria tranquilidade para as sociedades bíblicas com relação ao custo das Bíblias, pois a preocupação de que as Escrituras deveriam ser acessíveis a todos sempre esteve presente.

Outra grande barreira que a distribuição da Bíblia em nosso país enfrentava era com relação à alfabetização do povo. A educação brasileira, antes da independência, estava reduzida a quase nada. Estima-se que em 1822 o Brasil tinha uma população de 4,5 milhões de habitantes, sendo que apenas 1% destes eram alfabetizados.²⁶

Com este número trágico, o imperador D. Pedro I criou uma estrutura educativa no Brasil, uma espécie de escola normal, que teve início no ano de 1823. Para fomentar tal decisão, a Constituição promulgada no ano de 1824 determinou que a educação primária deveria ser gratuita.

Agora quem sonhasse em ter uma Bíblia nas mãos, para ler as maravilhosas letras deste Livro Sagrado, poderia assim fazer, pois começava a se ter acesso ao livro e a alfabetização estava sendo iniciada em nosso país.

Mas havia ainda uma grande barreira a ser vencida. A Igreja Católica Romana condenava o trabalho das Sociedades Bíblicas e durante todo o século XIX ela se opôs a esse trabalho.

Porém, mais uma vez a Constituição promulgada em 1824 nos ajudou a ter as Escrituras no Brasil. A Constituição de 1824 não proibiu a impressão e a importação das Bíblias, e até mesmo legalizou o trabalho dos colportores, exigindo deles apenas uma licença de vendas de livros.

A partir de então as sociedades bíblicas estavam com as portas abertas para o seu trabalho no Brasil. As leis alfandegárias eram favoráveis, pois não era cobrado imposto das importações. As pessoas estavam gradativamente sendo alfabetizadas com a abertura das escolas normais. E a liberdade religiosa era garantida pela Constituição, pois o Brasil

²⁶ Ibid. Local do Kindle 1720

abria suas fronteiras para trazer mão de obra especializada para colonizar o país e tal lei era de fundamental importância para isso.

2.4. Os pioneiros da obra missionária

No ano de 1835 o missionário metodista Rev. Fountain E. Pitts desembarcou no Brasil para uma curta estada. Seu trabalho seria investigativo, sondando o território brasileiro. Assim, como um espia, ele deveria levar aos Estados Unidos, a sua agência missionária, informações sobre o campo brasileiro.

Em sua carta à Sociedade Missionária da Igreja Metodista Episcopal, ele escreveu algo interessante sobre o Brasil: “Há uma grande procura de Bíblias em português neste país... Sou da opinião de que o Brasil apresenta um campo perante os servos do Senhor Jesus Cristo que pode ser corretamente descrito como ‘pronto para a ceifa’”.²⁷

Essa informação aqueceu o coração do missionário Rev. Justus Spaulding, que começou seu trabalho abrindo uma congregação para os estrangeiros, no Rio de Janeiro, e abriu uma escola para as crianças do bairro do Catete.

O Rev. Spaulding não foi um agente oficial da Sociedade Bíblica Americana, mas se dedicou em vender Bíblias, distribuir folhetos e publicações religiosas. Seu trabalho incansável preparou o campo para o Rev. Daniel P. Kidder, que foi o primeiro agente oficial da Sociedade Bíblica Americana.

Ainda sobre o trabalho de Spaulding, Kidder comenta que ele se dedicou muito ao trabalho de divulgação e distribuição das Sagradas Escrituras. A observação que mais nos chama a atenção é de que tal trabalho jamais havia sido feito no Brasil. É certo que centenas de exemplares já haviam sido introduzidos no país, mas ninguém ainda se esforçara sistematicamente para difundir a Bíblia em larga escala.²⁸

O Rev. Daniel P. Kidder esteve no Brasil no período de 1837 a 1840. Sendo o primeiro representante oficial da Sociedade Bíblica Americana, ele viajou por muitas regiões do país e registrou boa parte do seu trabalho no seu livro *Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil*.

²⁷ REILY, Duncan A. *História documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1984, p. 81.

²⁸ KIDDER, Daniel P. *Reminiscências de viagens e permanências no Brasil: Rio de Janeiro e Província de São Paulo*. Brasília: Senado Federal, 2001, p. 122.

O segundo representante da Sociedade Bíblica Americana no Brasil foi o Rev. James Cooley Fletcher, que, por influência de Kidder, em 1851, abandonou a ideia de ser missionário no Haiti e partiu para o Brasil como agente da SBA.

Em apenas três anos, de 1854 a 1856, Fletcher viajou por todo o país e percorreu cerca de cinco mil quilômetros para promover e propagar a Bíblia no Brasil. Com todo esse trabalho realizado, e certo de que ainda tinha muito a fazer, Fletcher convidou o missionário escocês Robert Reid Kalley para o Brasil em 1855.²⁹

No final do ano de 1856 Fletcher se comunicou com a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, dizendo que o campo do Brasil era imenso e o trabalho não estava sendo desenvolvido devidamente. Com isso a SBBE nomeou o Rev. Richard Corfield como seu primeiro agente oficial no país.

Em 1859 chegou no Brasil o Rev. Ashbel Green Simonton, que era membro da Sociedade Bíblica Americana e representaria a sociedade no Brasil. Seria missionário da Igreja Presbiteriana e também promotor da distribuição de Bíblias no Brasil.

O trabalho das sociedades bíblicas no país estava firme e possuía grande admiração do imperador D. Pedro II. O Rev. Fletcher possuía um bom relacionamento com o imperador e por diversas vezes se encontrou com ele. D. Pedro II apreciava muito os Estados Unidos e também cultivava um grande amor pelas Sagradas Escrituras. O próprio Rev. Fletcher informou que o imperador era um assíduo leitor da Bíblia.

Isso produziu um profundo respeito e simpatia do imperador para com os evangélicos e também para com os representantes das sociedades bíblicas que aqui estavam difundindo a Bíblia. Tanto Fletcher e Kalley como Gonçalves dos Santos e Tucker estiveram com o imperador e confirmaram tal simpatia.³⁰

O Brasil agora estava com as portas abertas para entrada da Bíblia. Agora os colportores possuíam grande respaldo para o seu trabalho, e certamente iriam aproveitar essa oportunidade.

²⁹ Ibid. Local do Kindle 2549.

³⁰ Ibid. Local do Kindle 2563.

As dificuldades seriam grandes, a animosidade da Igreja Católica Romana seria severa, mas o país estava pronto para receber a Palavra de Deus, e os colportores seriam os pioneiros neste trabalho de evangelismo.

3. OS COLPORTORES COMO BRAÇO FORTE DA MISSÃO

O trabalho dos colportores começa a se desenvolver com a vinda destes agentes oficiais das sociedades bíblicas para o Brasil. Estes homens eram extremamente capacitados, inteligentes e estrategistas. Viajavam observando tudo ao seu redor e aproveitavam todas as oportunidades que apareciam, e isso tanto para vender as Bíblias como para pregar a Palavra de Deus.

O professor Calebe Soares descreve o trabalho dos colportores da seguinte forma: são os propagandistas viajantes que, de povoação em povoação, de casa em casa, vão desenvolvendo uma propaganda ativíssima com a venda de Bíblias e opúsculos evangélicos, com a distribuição de folhetos. São observadores perspicazes, sondam o terreno onde sua propaganda é mais ou menos eficaz e informam sobre as possibilidades dos locais que em possam ser fundados novos centros protestantes.³¹

Uma descrição interessante desse ofício foi feita por Sarah Lane, esposa do Rev. Edward Lane, que, ao escrever para a Igreja Presbiteriana de Baltimore, em 1877, falou sobre o trabalho do colportor Jacob Filipe Wingerther. Ela o descreve como uma pessoa humilde, paciente, séria, abnegada, laboriosa, incansável e disposta a trabalhar com alegria em qualquer lugar ou em qualquer tarefa que a obra exigisse. O colportor Wingerther foi um desbravador dos sertões brasileiros, e preparou o caminho para o trabalho de pregação do evangelho e organização de igrejas pelos missionários que vieram depois dele.³²

O que fica claro ao se descrever o trabalho desses homens é que o maior interesse deles estava na pregação do evangelho e a venda de livros foi somente a forma que eles encontraram para realizar a sua missão. Eles aproveitaram todas as oportunidades que apareceram para apresentar as Escrituras Sagradas que vendiam, e para isso sempre liam os textos e pregavam o evangelho.

³¹ SOARES, Caleb. *Januário Antônio dos pés formosos*. Campinas: Luz Para o Caminho, 1996, p. 15.

³² GIRALDI, *A Bíblia no Brasil Império*, local do Kindle 3161.

3.1. A Bíblia na educação formal do brasileiro

Logo depois de promulgada a Constituição de 1824, o império passou a investir em educação. A Academia Imperial de Belas Artes foi fundada em 1824 por decreto da Assembleia Nacional e em alguns meses chegou a uma centena de alunos.

A Imperial Academia de Medicina ocupava o velho Colégio dos Jesuítas, e também chegou a cem ou cento e cinquenta alunos. Porém, o mais necessário era a educação básica.

Dessa forma o Colégio D. Pedro II foi fundado em 1837, destinado a proporcionar perfeita instrução secundária. A demanda era muito grande, as escolas públicas eram insuficientes e por isso muitos estrangeiros abriram escolas no país.

A Bíblia se tornou atrativa para os professores que possuíam pouca ou nenhuma literatura. Kidder conta que o Rev. Spaulding recebeu a solicitação de um professor para que ele lhe fornecesse Bíblias para seus alunos. O Rev. Spaulding prazerosamente atendeu à sua solicitação e entregou diversos exemplares para o professor e seus alunos, e todos esses exemplares eram provenientes das sociedades bíblicas e missionárias.³³

Não eram só os professores e os alunos que estavam procurando literatura de qualidade para instrução intelectual e também para o deleite de suas almas, mas a população em geral também carecia de boa literatura.

O Brasil estava entregue a uma literatura inútil de novelas e folhetins parisienses. Tais literaturas eram traduzidas em forma de livro em Lisboa e chegavam de navio ao Brasil, onde eram leiloadas em grande quantidade.

Diante disso, começam a aparecer alguns periódicos em formato de jornais e revistas, prometendo ser de grande utilidade ao país e elevando assim o espírito literário nacional. O Instituto Histórico e Geográfico contribuiu consideravelmente para despertar o gosto literário dos brasileiros, e começou a publicar e preservar seus documentos no ano de 1838.³⁴

Nesta época, o Rev. Daniel P. Kidder, como representante oficial da Sociedade Bíblica Americana, teve a oportunidade de visitar a Academia de Direito de São Paulo. O

³³ KIDDER, *Reminiscências de viagens e permanências no Brasil: Rio de Janeiro e Província de São Paulo*, p. 101.

³⁴ *Ibid.*, p. 106.

presidente da academia era o Dr. Brotero, que era casado com uma americana chamada Isabel Dabney. Ele é mencionado com muito carinho por Kidder, sendo descrito como um excelente administrador.

O Rev. Vicente Themudo Lessa destaca que Kidder era um homem de fino trato e relacionou-se com pessoas da alta sociedade. Por isso pode conhecer o Dr. Brotero e ter acesso à Faculdade de São Paulo no interesse na causa evangélica.³⁵

O interessante dessa visita foi o que ocorreu ao passar pela biblioteca da faculdade, que originalmente pertencera aos franciscanos e que ainda fora enriquecida por uma doação do falecido bispo de São Paulo. A biblioteca incluía sete mil volumes, mas entre tantos livros não havia um único exemplar da Bíblia na língua do país. Essa deficiência foi então sanada por Kidder, que fez doação a essa biblioteca de um exemplar da tradução portuguesa de Figueiredo, com uma belíssima dedicatória do próprio Rev. Daniel P. Kidder.³⁶

Certamente esse movimento foi propício para a entrada da Bíblia no Brasil, mesmo sendo vendida pelos colportores, pois as pessoas encontravam a preços baixos uma excelente literatura. O povo estava desenvolvendo sua leitura, e mesmo que não procurasse as Palavras de Vida, procuravam boa literatura, e, sendo da vontade de Deus, encontrariam um tesouro escondido.

Os colportores então aproveitam esse movimento de despertar literário que o Brasil experimentava e apresentavam a Bíblia e outros tipos de literatura evangélica para serem usados para esse fim, porém esperançosos de que a curiosidade quanto a essa literatura os levasse aos questionamentos da vida, fazendo-os buscar ainda mais as verdades eternas que aquele maravilhoso livro poderia trazer.

3.2. A Bíblia era completamente desconhecida

O Rev. Justus Spaulding, que viveu no Brasil por cerca de cinco anos, observou que até a sua chegada no Brasil jamais haviam sido feitos esforços sistemáticos para uma divulgação da Bíblia em larga escala.

³⁵ LESSA, Vicente Themudo. *Anais da 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo*. São Paulo, 1938, p. 13.

³⁶ KIDDER, *Reminiscências de viagens e permanências no Brasil: Rio de Janeiro e Província de São Paulo*, p. 217.

Até o ano de 1841, é possível afirmar, pelas considerações de Spaulding, que o número de exemplares da Bíblia posto na mão do povo foi maior do que em qualquer outra ocasião da vida do país. Mesmo que a Bíblia não tenha sido proibida no Brasil, a Igreja Católica Romana não aprovava a sua livre circulação e por isso não havia nenhum esforço do clero para a sua divulgação.³⁷

O que Spaulding e Kidder consideram é que o povo não tinha responsabilidade nenhuma por não conhecer as Escrituras, pois a própria Igreja Católica Romana, que era a religião do Império, não divulgava a Bíblia e tornava a sua fala em Palavra de Deus.

O interessante é que parte do clero da Igreja Romana também ficou curioso e sedento por ler a Bíblia em português. Certamente muitos deles nunca haviam visto uma Bíblia no idioma pátrio, pois o que as bibliotecas católicas possuíam era no máximo uma edição da Vulgata Latina.

Kidder relata que um padre bastante idoso o procurou pessoalmente, com muito respeito, interessado nas Bíblias que ele possuía. Foram ofertados ao padre exemplares em português, francês e inglês, e na saída o padre disse que aquilo nunca havia acontecido no país.³⁸

O Brasil já havia passado pela independência política, e embora tivesse reconhecido a Igreja Católica Apostólica Romana como a religião oficial do Estado, o novo país adotou uma constituição liberal e tolerante.

Dessa forma o povo estava livre para abraçar qualquer religião e assim a Bíblia tinha livre passagem por onde quer que fosse. O povo estava consciente de tal liberdade religiosa, e estava preparado para receber com simpatia a Palavra de Deus, que de uma forma triste e condenável tinha sido suprimida das pessoas do vasto país.

Os colportores iriam enfrentar a Igreja Católica Romana, que não aprovava a livre circulação da Bíblia, mas usariam a curiosidade do povo em conhecer o livro sagrado da igreja para vender seus exemplares, e com muito carinho e persistência iriam apresentar o evangelho que liberta e salva.

³⁷ Ibid., p. 122.

³⁸ Ibid., p. 124.

3.3. Um anúncio na imprensa para a venda da Bíblia

Uma estratégia interessante que os colportores utilizavam era fazer anúncios na imprensa para a venda de Bíblias. A primeira vez que isso aconteceu foi um enorme sucesso. Os compradores chegavam não só da cidade, mas de diversas províncias distantes.

Kidder relata que nessa ocasião houve uma verdadeira corrida de pretendentes ao Livro Sagrado. As pessoas encheram a casa em que eles guardavam as Bíblias, pessoas de todas as idades e condições. Até mesmo escravos estiveram lá e inclusive muitos meninos com bilhetes nas mãos como se fossem mensageiros.

O sucesso fora tamanho que trouxe certo receio de ser um golpe, no qual alguém estivesse comprando todo o carregamento para o destruir por completo. Porém, logo esse temor cessou e foram dados muitos testemunhos sobre essa bendita distribuição.³⁹

As duas maiores preocupações dos colportores foram observadas nessa ocasião. A primeira era quanto aos mais pobres, pois com este anúncio, muitas viúvas carentes procuraram os colportores interessadas em uma Bíblia para seus filhos. Kidder afirma que muitos exemplares foram entregues gratuitamente.

O objetivo de Kidder era missionário. A venda daquelas publicações era para a subsistência dos colportores. A distribuição da Bíblia era feita a todas as pessoas: os que pudessem pagar ajudariam a manter o trabalho, mas aos pobres ela era doada.⁴⁰

A outra preocupação era pregar o evangelho a essas pessoas. A venda das Bíblias não poderia ficar por ela mesma, mas a oportunidade deveria ser aproveitada e os colportores pregaram a Cristo. Aquelas pessoas ouviram com profunda reverência e atenção o que os colportores falavam.

3.4. Dificuldades com o anúncio

Logo depois do anúncio na imprensa feito por Kidder para vender as Bíblias e de seu enorme sucesso graças ao interesse popular pelas Sagradas Escrituras, um certo jornal começou a fazer ataques grosseiros contra os agentes das sociedades bíblicas.⁴¹

³⁹ Ibid., p. 123.

⁴⁰ GIRALDI, *A Bíblia no Brasil Império*, local do Kindle 2220.

⁴¹ KIDDER, *Reminiscências de viagens e permanências no Brasil: Rio de Janeiro e Província de São Paulo*, p. 124.

O jornal que começou a fazer esses ataques era chamado *O Católico*. Queria combater a obra missionária dos colportores, mas não teve muito sucesso, pois depois de um mês tentando assinantes, teve que fechar.

O Rev. Kalley também sofreu com a imprensa. Em 1856 a imprensa do Rio de Janeiro começou a acusar Kalley, em diversos artigos, de vender Bíblias falsas e de fazer propaganda protestante.⁴² É interessante que tais esforços fraudulentos tiveram o resultado contrário e muitas pessoas começaram a ficar curiosas acerca da Bíblia que era vendida e da religião protestante.

Kidder relata que um dos seus vizinhos, um senhor português de aproximadamente cinquenta anos, era ávido por notícias, mas não gostava de comprar os jornais da época, pois eles estampavam tantas tolices que não valiam a pena.⁴³ Isso mostra que tais propagandas contra o evangelho e contra a venda de livros manchavam mais a fama dos autores do que dos próprios colportores.

Algo dito por Kidder sobre este assunto deve ficar como lição para nós. Os colportores sabiam perfeitamente que aquela oposição não se dirigia a eles e sim contra a Bíblia. Assim, eles deveriam ficar quietos e aguardar a salvação do Senhor.⁴⁴

A oposição que podemos sofrer na obra missionária é uma oposição contra o próprio Senhor, não contra a nossa pessoa, e isso deve nos fazer acalmar e aquietar, pois o Senhor tomará vingança de tudo isso no dia que ele assim desejar.

3.5. Dificuldades com a ignorância do povo

O Brasil estava investindo bastante na educação do seu povo, mas a escalada era demorada e a alfabetização do povo brasileiro crescia em pequenos passos ao longo dos anos do século XIX.

Já vimos que antes da independência do Brasil, em 1822, menos de 1% da população era alfabetizada. Durante o Brasil Império foram realizados dois censos para determinar o avanço da alfabetização da população. Em 1872 o censo pôde verificar que 16% da população já estava alfabetizada, e no censo de 1890 esse número saltou para 18%,⁴⁵ uma

⁴² GIRALDI, *A Bíblia no Brasil Império*, local do Kindle 2791.

⁴³ KIDDER. *Reminiscências de viagens e permanências no Brasil: Rio de Janeiro e Província de São Paulo*, p. 141.

⁴⁴ *Ibid.*, p. 125.

⁴⁵ GIRALDI, *A Bíblia no Brasil Império*, local do Kindle 1738.

pequena diferença de porcentagem, mas devemos lembrar que a população crescia muito nessa época.

A dificuldade que os colportores enfrentavam ao se deparar com pessoas analfabetas era evidente. Em uma de suas viagens como colportor, o Rev. Kidder se encontrou com um tabelião chamado Anastácio,⁴⁶ que relatou a sua percepção de que nenhum conterrâneo seu, de trinta anos de idade, sabia ler.

Este senhor ainda afirmara que nunca havia visto uma Bíblia e disse ser ela desconhecida de toda a população de onde morava. Assim os colportores não poderiam perder aquela oportunidade de oferecer um exemplar da Bíblia em retribuição à amável acolhida que receberam.

Ainda em uma viagem a Macacu, parte superior da Baía do Rio de Janeiro, os colportores Spaulding e Kidder encontraram um boticário chamado Diogo, que lhes ofereceu hospedagem. Além de hospedar com muito carinho os colportores, ajudou na distribuição de folhetos e Bíblias.

Porém, quando os colportores estavam de partida, foram a uma padaria comprar mantimentos para a viagem de volta. Spaulding ofereceu ao padeiro um folheto, porém aquele homem não aceitou. Esse fato foi registrado⁴⁷ com grande espanto pelos colportores, pois até aquele momento fora o único folheto recusado. Mas o boticário Diogo logo revelou aos seus amigos que aquela estupidez ocorreu pela falta de leitura do padeiro, e ele certamente havia recusado o folheto pela vergonha de não saber ler.

Um caso interessante é o da professora missionária Miss Nannie Henderson. Ela era membro da Igreja Presbiteriana de São Paulo e por intermédio de um doador anônimo recebeu a quantia de cinquenta mil réis para prestar serviços como leitora da Bíblia para um certo número de famílias.⁴⁸ Infelizmente a professora não pôde aceitar, mas essa seria uma saída para sanar, ao menos um pouco, a dificuldade que muitos ainda tinham com a leitura.

Em uma de suas viagens a São Paulo, os colportores Spaulding e Kidder pararam em um estabelecimento para tomar um copo de leite. O dono do lugar não quis receber o

⁴⁶ KIDDER, *Reminiscências de viagens e permanências no Brasil: Rio de Janeiro e Província de São Paulo*, p. 163.

⁴⁷ *Ibid.*, p. 166.

⁴⁸ LESSA, *Anais da 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo*, p. 285.

pagamento pelo leite, e com isso os colportores ofereceram ao homem uma literatura. O homem perguntou para que servia aquilo. Os colportores responderam que era para ler, porem ele revelou que era analfabeto.⁴⁹ Os colportores, já acostumados com aquela situação, pediram que aquela literatura fosse guardada, e aconselharam o homem para que providenciasse que seus filhos que aprendessem a ler, para que um dia pudessem usufruir daquela literatura.

3.6. Dificuldades com o transporte

A valentia desses homens também se revelava na forma como deviam trabalhar. A venda de Bíblias, livros e folhetos evangélicos tinha uma dificuldade intrínseca que era o seu transporte. Assim como hoje, livros são pesados e difíceis de carregar, e é necessária uma grande estratégia para o transporte dessa carga tão valiosa.

Spaulding e Kidder fizeram uma viagem às localidades superiores da Baía do Rio de Janeiro que subiria o braço do Macaco. Para essa viagem tiveram que contratar um barco que era conduzido por escravos, os quais, servindo aos seus senhores, cobravam pelo serviço de guia e navegador.

Os colportores ficaram sensibilizados com os escravos e decidiram ajudar, pois quando eles não alcançavam a parcela estipulada por seus senhores eram castigados. Utilizaram-se então dos serviços desses homens, que os ajudaram a carregar uma certa quantidade de Bíblias, evangelhos e folhetos no barco.⁵⁰ Conduzidos por dois navegadores, munidos de velas e remos, navegaram de porto em porto levando sua carga preciosa, passando a distribuir os exemplares naquela região.

Em 1877, o Rev. Eduardo Lane, missionário presbiteriano irlandês, liderava uma equipe de colportores na província de São Paulo. Ele enviou uma correspondência à Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira solicitando a ampliação do trabalho no Brasil e dizendo que o trabalho de colportagem era animador. Porém, ele afirmou que as grandes distâncias percorridas pelos colportores neste imenso país e as elevadas despesas de viagem tornavam a manutenção do trabalho muito dispendiosa.⁵¹

⁴⁹ KIDDER, *Reminiscências de viagens e permanências no Brasil: Rio de Janeiro e Província de São Paulo*, p. 265.

⁵⁰ *Ibid.*, p. 158.

⁵¹ GIRALDI, *A Bíblia no Brasil Império*, local do Kindle 3033.

Lane revela que o colportor Wingerther, um piedoso alemão que veio para São Paulo, foi contratado para a venda das Bíblias. O missionário deixou claro que o trabalho foi aceito mesmo sabendo das durezas e perigos, e que Wingerther o fazia com muito empenho, orando e lendo a Palavra com aqueles que permitiam.

Um fato interessante é que Lane fez o pedido da doação de um carro próprio para o colportor Wingerther, pois essa condução possibilitaria levar um estoque muito maior de livros ao sair em viagens, além de servir como cozinha e vivenda, resultando um enorme corte de despesas.⁵² Porém, Júlio Andrade Ferreira revela que, apesar de essa ser uma boa ideia, nunca chegou a se concretizar.

O agente José de Carvalho, que permaneceu no Rio de Janeiro até meados de 1879, comentou em seu relatório que temia que uma das causas de sua morte fosse a fadiga de sua longa jornada a serviço da Sociedade Bíblica.

O agente da Sociedade Bíblica Americana, Rev. Blackford, percorreu em 1877 mais de cinco mil quilômetros, visitando 32 cidades.⁵³ A maior parte desse trajeto foi feita a cavalo, que era o meio de transporte mais convencional da época.

Numa das viagens que Blackford fez de São Paulo para Minas, ele conta que boa parte daquele trajeto foi feita em transporte público. Viajou até Juiz de Fora de trole por doze horas. De Juiz de Fora em diante não havia condução pública, e por isso teve que continuar montado em mula, levando sua bagagem em carro de boi. Quando chegava numa vila procurava se hospedar em pensão, porém quando não encontravam ele e seus auxiliares dormiam em barracas improvisadas.

No caminho de volta as chuvas apertaram, a viagem se tornou penosa e um acidente causou a morte de uma mula que lhe havia custado oitenta dólares. Custo complicado, pois em seis semanas de trabalho havia vendido apenas uma Bíblia.⁵⁴

Apesar de todas as dificuldades que os colportores encontravam, eles eram insistentes em suas visitas. Quando achavam que um lugar tinha esperança, não se cansavam em visitá-

⁵² FERREIRA, Júlio Andrade. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil: em comemoração ao seu primeiro centenário*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1959, p. 156.

⁵³ GIRALDI, *A Bíblia no Brasil Império*, local do Kindle 3194.

⁵⁴ FERREIRA, *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*, p. 22.

lo. O Rev. Vicente Themudo Lessa escreve que a cidade de Brotas alimentava tal esperança, e por isso era constantemente visitada por colportores.⁵⁵

As viagens do colportor Frederick C. Glass, relatadas no periódico *Norte Evangélico*, feitas nas cidades pernambucanas de Gameleira e Bonfim, revelam grandes dificuldades de transporte e hospedagem, além de percalços tamanhos que só homens de fé e heroísmo conseguiam enfrentar. Em uma viagem a cavalo que Glass fez na companhia de outro colportor chamado Ricardo sofreram com uma forte tempestade. Nessa jornada de oitenta quilômetros, com uma carga pesada de porções bíblicas, os viajantes relatam que se perderam no caminho e não encontravam nenhuma hospedaria. Com muito custo avistaram uma casa desocupada e decidiram acampar ali, porém, depois de averiguar o lugar, avistaram uma enorme cascavel enrolada justamente no lugar onde pretendiam dormir. Glass conta que, mesmo cansados, decidiram deixar a cascavel e continuar a viagem.⁵⁶

Essas dificuldades só apontam para o caráter missionário daqueles heróis da fé, que de maneira abnegada ficavam longos períodos distantes da família, passando por acidentes, fome e desprezo que somente um homem capacitado por Deus poderia suportar.

3.7. Os agentes das sociedades bíblicas começam a contratar colportores

O trabalho dos colportores, por muitas vezes, antecedeu o trabalho dos próprios missionários em nosso país. Eles chegavam antes dos missionários, apresentavam as Escrituras, falavam das maravilhas daquele livro, distribuíaam os folhetos e as literaturas evangélicas, deixando o campo pronto para a chegada dos missionários que praticamente já era esperados pela população sedenta de um pastor.

O Rev. Simonton, por exemplo, contratou um colportor para ir a São Paulo antes mesmo de ir até lá. Em 1860, o colportor Manoel Pereira da Cunha Bastos foi contratado por Simonton para trabalhar na cidade de São Paulo, preparando assim o caminho para a organização da igreja presbiteriana daquela cidade.⁵⁷

Podemos entender que essa era uma estratégia pensada e programada, pois, em uma de suas viagens ao interior de São Paulo, Simonton tinha o objetivo de conhecer o lugar e contratar colportores. Quando passou por Sorocaba, hospedou-se na casa do Barão de

⁵⁵ LESSA, *Anais da 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo*, p. 47.

⁵⁶ SOARES, *Januário Antônio dos pés formosos*, p. 27.

⁵⁷ GIRALDI, *A Bíblia no Brasil Império*, local do Kindle 2348.

Piracicaba e ali contratou dois colportores, Marciano da Silva e outro conhecido pelo nome de Abreu.

Em 1864 o agente da Sociedade Bíblica Britânica Estrangeira Rev. Richard Holden, trabalhava para divulgar as Sagradas Escrituras na cidade de Salvador, Bahia. A SBBE já mantinha alguns colportores naquela região, mas Holden contratou mais homens formando uma equipe de dez colportores.

É interessante que não era fácil ser contratado como colportor, porque os relatórios da SBBE descrevem que mais dois homens foram testados como colportores nesse período e não foram aprovados.⁵⁸

Não só os agentes das sociedades bíblicas começaram a contratar colportores, mas o primeiro presbitério da Igreja Presbiteriana do Brasil, em 1868, também contratou um colportor, que seria pago pela Junta de Missões dos Estados Unidos. Os missionários sentiram-se animados com a possibilidade de intensificar a distribuição e divulgação da obra evangélica no país.⁵⁹

Além de contratar os colportores em Sorocaba, Simonton estabeleceu depósitos de Bíblias em casas comerciais nas cidades de Campinas, Itu, Rio Claro, Sorocaba, Itapetininga e Santos.⁶⁰ Assim, deixou lugares fixos que vendiam as Sagradas Escrituras e colportores que viajavam pelas cidades vendendo as Bíblias de porta em porta.

3.8. Os colportores antecedendo os missionários

Podemos observar nos registros dos nossos primeiros pastores missionários, que eles mesmos mencionam os colportores que os antecederam. Apesar de muitos serem anônimos, o registro aponta a importância que eles tiveram.

O Rev. Alexandre Latimer Blackford chegou ao Brasil para ajudar o trabalho missionário do Rev. Simonton. Ele desembarcou aqui em 25 de julho de 1860 e teve grande participação no trabalho de evangelismo em São Paulo.

⁵⁸ GIRALDI, *A Bíblia no Brasil* Império, local do Kindle 2936.

⁵⁹ LESSA, *Anais da 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo*, p. 69.

⁶⁰ GIRALDI, *A Bíblia no Brasil* Império, local do Kindle 2352.

Blackford se lembra do agente da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, o senhor R. Corfield, que sem indicar a data, antecedeu o seu trabalho na província de São Paulo, fazendo viagens por algum tempo em São Paulo, vendendo Bíblias.⁶¹

De fato, Simonton, Blackford e Schneider foram os precursores do trabalho evangélico em São Paulo. Lessa destaca que Simonton foi o primeiro a fazer uma visita demorada, de dezembro de 1860 a março do ano seguinte, distribuindo Bíblias e sondando o terreno. Mas certamente fizeram isso com o auxílio de colportores que corriam a província vendendo Bíblias e literatura evangélica.

No ano de 1865 foi organizada a igreja de Brotas, que até então era uma obscura vila do sertão. Como Brotas fora a última paróquia do Padre Conceição, várias pessoas se interessaram pelo evangelho levadas pela influência do antigo padre que agora era protestante.

O que é interessante notar nos registros iniciais desta igreja é que além dos primeiros missionários que visitavam a cidade, como Blackford, Simonton, Chamberlain e o próprio Conceição, um colportor é mencionado entre os missionários que visitavam a cidade. Esse colportor foi registrado apenas com seu primeiro nome – Bastos.⁶² Bastos é referido por Lessa como tendo excelentes resultados em seu trabalho de propaganda e venda de livros, sendo mencionado em mais de um capítulo do seu livro.

O trabalho de evangelismo no Maranhão também foi precedido por colportores. Em 1878 Blackford, atuando como agente da Sociedade Bíblica Americana, juntamente com o colportor Philadelpho Pontes, preparou o terreno para a evangelização regular daquela região. Philadelpho Ponte fez extensas viagens de colportagem e de evangelização do rio São Francisco para o norte.⁶³

3.9. A colportagem como meio de sustento e preparo dos seminaristas

O Rev. Simonton também fundou um seminário evangélico no Brasil. As aulas do Seminário Presbiteriano do Rio de Janeiro tiveram início no dia 14 de maio de 1867. Esse seminário funcionou por apenas três anos, mas formou quatro pastores presbiterianos Antônio Bandeira Trajano, Miguel Gonçalves Torres, Modesto Perestrello de Barros

⁶¹ LESSA, *Anais da 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo*, p. 18.

⁶² *Ibid.*, p. 34 e 193.

⁶³ *Ibid.*, p. 279.

Carvalhosa e Antônio Pedro de Cerqueira Leite.⁶⁴ Todos esses seminaristas trabalharam como colportores para se sustentar durante o período de estudos no seminário.

Themudo Lessa ainda afirma que Trajano e Miguel Torres, abandonaram o comércio para se fazer colportores, enquanto estudavam para o ministério.⁶⁵ Essa informação é importante para mostrar que tal decisão apontava para o preparo para o ministério, pois como colportores teriam a oportunidade de pregar a Palavra.

A história de como Miguel Torres abandonou o comércio para seguir o ministério é bem interessante. Conta-se que ao servir uma peça de fazenda no balcão apontou um defeito e observou que o freguês deveria escolher outra. O patrão se irritou com ele e o ameaçou, dando-lhe ensejo para abandonar aquele trabalho.⁶⁶

Percebemos que o trabalho de colportagem como sustento para o seminarista ajudava a igreja na formação de seus ministros. O Rev. Blackford encaminhou o jovem Antônio Pedro de Cerqueira Leite para os estudos do ministério, mas ficou o registro de que também o aproveitou como colportor. Como um bom discípulo de Conceição, Antônio Pedro é retratado por Lessa como tendo um ministério fecundo em Sorocaba e em Brotas, empenhando-se em longas viagens a cavalo até os sertões de Faxina (Itapeva).⁶⁷

Já em 1873 o Rev. Dagama fez uma grande viagem evangelística. Ele tinha em sua companhia o colportor Reviglio, que era um desbravador de terrenos para a missão evangélica. Dagama o descreve como alguém que ia espalhando livros, mas o principal é que era pregador. O que é interessante na descrição dessa viagem é que eles espalharam livros em Pirassununga, Belém do Descavado, Araras, Limeira e Piracicaba, e enquanto fizeram essa viagem alguns estudantes os auxiliavam nas suas férias.⁶⁸

Provavelmente alguns seminaristas não poderiam se dispor como colportores durante o semestre, mas aproveitavam as suas férias para compor seu sustento e praticar o evangelismo.

⁶⁴ GIRALDI, *A Bíblia no Brasil Império*, local do Kindle 2383.

⁶⁵ LESSA, *Anais da 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo*, p. 37.

⁶⁶ *Ibid.*, p. 271.

⁶⁷ *Ibid.*, p. 45.

⁶⁸ *ibid.*, p. 115.

3.10. As perseguições aos colportores

Os colportores não sofriam apenas com as dificuldades de suas longas viagens, carregando o grande peso de seus livros, mas também sofriam perseguições difíceis de suportar.

No dia 29 de agosto de 1856, o colportor Manoel Fernandes estava vendendo seus exemplares em Petrópolis, no Rio de Janeiro. Quando ofereceu um Novo Testamento a um morador da cidade, este o denunciou ao delegado por vender livros sem licença. Quando chegou à delegacia para prestar esclarecimentos, disse que não sabia das leis do país que exigiam licença para vender livros, e com isso o delegado o manteve preso até que o Rev. Kalley pagasse sua fiança.⁶⁹

Outro caso está nos registros da Igreja Presbiteriana de São Paulo. Eles destacam a conversão do primeiro italiano da igreja, o já referido Bartolomeu Reviglio, que logo depois da sua conversão se tornou colportor e propagandista.

Este homem acompanhou por muitos anos o Rev. Dagama, dentre outros missionários. O Rev. Lessa destaca em seu registro que conheceu Bartolomeu já idoso e que ele havia sofrido muitas perseguições em suas duras viagens, das quais poderia contar muitos episódios.⁷⁰

Em uma das correspondências com a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, o Rev. Richard Holden relatou que a distribuição dos exemplares da Bíblia estava indo bem, porém eles ainda enfrentavam grande resistência da Igreja Católica, que era a igreja oficial do Império.⁷¹

Um caso que se tornou famoso foi o da prisão do colportor baiano Torquato Martins Cardozo, que foi preso em 1868 pela polícia de Sergipe por vender livros protestantes. Esse fato se tornou histórico porque o próprio imperador D. Pedro I mandou soltá-lo e o autorizou a continuar exercendo a sua profissão, resultando na legalização da profissão de colportagem.⁷²

Em 1877 aconteceu um caso terrível com o Rev. Dagama e seu companheiro, o colportor Belarmino Ferraz. No dia 26 de abril deste ano eles estavam pregando na vila de Jaú e

⁶⁹ GIRALDI, *A Bíblia no Brasil Império*, local do Kindle 2777.

⁷⁰ LESSA, *Anais da 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo*, p. 58.

⁷¹ GIRALDI, *A Bíblia no Brasil Império*, local do Kindle 2942.

⁷² *Ibid.*, local do Kindle 2959.

procuravam uma sala para realizar ali um culto. Sem poder se defender, foram arrastados por um grupo de fanáticos e ali espancados. Dagama descreve aquela cena como triste e medonha, na qual doze crentes apanharam por conta da sua fé. Tal ataque só não acabou em morte pela intervenção de algumas pessoas que afastaram o bando de agressores.⁷³

O colportor Glass conta que em sua viagem para Cuiabá a recepção das pessoas fora excelente. Eles puderam vender muitos exemplares da Bíblia, tiveram a oportunidade para testemunhar da Palavra de Deus com muita clareza, bateram de porta em porta para oferecer as literaturas e até mesmo puderam realizar uma reunião em praça pública. Porém, quando saíram da cidade, Glass ficou sabendo que os padres saíram da catedral e borrifaram água benta sobre o local em que eles passaram, para afastar dali a influência má e contaminadora daqueles homens.⁷⁴

Outro caso que assustou bastante aconteceu na cidade de Independência, na Paraíba, onde um bando atacou dois colportores e queimou todos os seus livros. Em Pernambuco, um colportor teve que fugir de um bando amotinado para o atacar.⁷⁵

Em 1887 o Rev. Brown fazia uma viagem evangelística acompanhado do colportor Francisco Alves de Oliveira. Francisco ofereceu o livro sagrado a uma senhora que estava na janela, porém o que o colportor não sabia é que aquela casa era de um padre, que irritado atirou a Bíblia na lama. O Rev. Themudo Lessa conta que possuía uma foto dessa Bíblia cheia de lama.⁷⁶

3.11. Colportores auxiliando o serviço pastoral

Analisando os registros organizados por Themudo Lessa, podemos perceber que os colportores eram grandes auxiliares dos pastores que trabalhavam nas igrejas presbiterianas. Porém, pela característica da época, e por serem obreiros leigos, seus nomes nem sempre foram registrados.

Isso não poderia ser diferente, pois tendo sido os colportores os primeiros a entrarem em muitas cidades para vender as Bíblias, eles já sabiam quais eram os terrenos mais férteis, e assim os pastores aproveitavam a ocasião para começarem o trabalho de abertura do campo.

⁷³ LESSA, *Anais da 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo*, p. 147.

⁷⁴ SOARES, *Januário Antônio dos pés formosos*, p. 31.

⁷⁵ LESSA, *Anais da 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo*, p. 272.

⁷⁶ *Ibid.*, p. 295.

Na 6ª reunião do Presbitério do Rio de Janeiro, que aconteceu em agosto de 1870, foram relatados os trabalhos dos pastores e os serviços do colportor Bernardino J. Rabello.⁷⁷ Certamente ele fora o colportor contratado mediante a decisão da reunião anterior, que fora aprovada pela Junta de Missões dos Estados Unidos.

Essa informação é interessante porque preserva o sentimento da época do quanto esse trabalho era importante, pois, colocado ao lado dos relatórios dos pastores, seus esforços foram destacados naquela reunião.

O Rev. Lenington também relata que em uma excursão estava acompanhado do colportor Reviglio, e que ambos pregaram o evangelho em Caldas, Minas Gerais. Ao permanecerem alguns dias naquela cidade, realizaram um culto em uma grande sala, que no entender do Rev. Lenington foi o primeiro culto celebrado naquela cidade.

Outro fato interessante é que o Rev. João Fernandes Dagama junto com o Rev. Blackford foram os primeiros missionários a visitar a cidade de Campos, na Província do Rio de Janeiro, mas Dagama deixa claro que o terreno fora preparado pelo colportor Silva.⁷⁸

Infelizmente não temos o registro do nome completo desse colportor, mas ao menos seu sobrenome foi mencionado nesse registro, mostrando o reconhecimento do seu trabalho evangelístico, que, como fora dito por Dagama, preparou-lhes o caminho.

O Rev. Boyle era um grande missionário que empreendeu grandes viagens evangelísticas em sua longa caminhada cristã. Ele também sempre era auxiliado por colportores, como Lourenço Moreira de Almeida, e também, em outra ocasião, Jacob Philippe Wingerther. Este último é descrito por Boyle como um grande desbravador de terrenos áridos onde depois de sua passagem os missionários e evangelistas colhiam os frutos.⁷⁹

Os pastores aproveitaram o conhecimento que os colportores tinham das regiões que haviam visitado, servindo de guias para que os ministros chegassem aos lugares já mapeados por eles. Levavam os pastores e auxiliavam na pregação do evangelho, pois o maior interesse que tinham era falar do evangelho de Jesus Cristo.

⁷⁷ Ibid., p. 86.

⁷⁸ Ibid., p. 81.

⁷⁹ Ibid., p. 154 e 173.

CONCLUSÃO

Temos uma tendência lamentável de esquecer os nossos heróis. Esquecemos a história que se passou e assim perdemos de vista o lugar para o qual queremos ir.

Não podemos deixar de ensinar a história de formação da nossa igreja. Precisamos continuar ensinando sobre Spaulding, Kidder e Fletcher como os primeiros missionários a chegar ao país. Devemos continuar ensinando sobre Simonton, Blackford e Conceição, que começaram o trabalho da Igreja Presbiteriana do Brasil.

Mas o problema é que estamos esquecendo de Silva, Bastos, Januário e de tantos anônimos que trabalharam na fundação da igreja evangélica do nosso país, servindo como colportores.

O trabalho dos colportores foi essencial para a entrada no evangelho no país. Nós nunca iríamos ter uma Mary Jones aqui, pois a Bíblia estava escondida com os sacerdotes romanos e o desejo de possuir uma Bíblia e ler por si só as maravilhas do evangelho, assim como aconteceu com Mary Jones, só pôde existir com o trabalho dos nossos heróis colportores.

A história dos colportores precisa ser contada. Eles foram grandes heróis, nossos bandeirantes da fé, e a história de sua bravura, coragem, piedade e amor pelo evangelho que retratamos em poucas linhas nesta monografia deve ser usada para motivar e inspirar muitos crentes de hoje.

Precisamos valorizar a sua história, pois, mesmo sendo leigos e tendo pouquíssima formação teológica, foram capacitados para pregar o evangelho da graça em um país completamente místico.

Aproveitaram as oportunidades que aquele período da história lhes proporcionou. A liberdade religiosa, a alfabetização em crescimento e a curiosidade do povo em ver algo completamente desconhecido, tudo isso serviu de incentivo e ferramenta.

O que cabe a nós hoje é aprender com aqueles irmãos do passado e servir ao Senhor com alegria, pregando o evangelho sendo oportuno ou não, e tendo a certeza de que serão bem aventurados os perseguidos, pois deles é o reino dos céus.

REFERÊNCIAS

- CANUTO, João S. *Os reformadores*. Ourinhos: Edições Cristãs, 1983.
- COSTA, Hermisten M. P. *Raízes da teologia contemporânea*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- COSTA, Hermisten M. P. *A inspiração e inerrância das escrituras*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.
- FERNANDEZ-ARMESTO, Felipe. *Reforma: o cristianismo e o mundo 1500-2000*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- FERREIRA, Júlio Andrade. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992.
- GIRALDI, Luiz Antônio. *A Bíblia no Brasil Imperial – Como um livro proibido durante o Brasil Colônia tornou-se uma das obras mais lidas nos tempos do Império*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.
- GIRALDI, Luiz Antônio. *História da Bíblia no Brasil*. São Paulo: SBB, 2008.
- GOODSPEED. Edgar J. *Como nos veio a Bíblia?* São Paulo: Imprensa Metodista, 1968.
- KIDDER, Daniel Parish. *Reminiscências de viagens e permanência no Brasil: Rio de Janeiro e província de São Paulo compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e das diversas províncias*. Brasília: Editora Senado Federal, 2001.
- LESSA, Vicente Themudo. *Anais da 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo*. São Paulo, 1938.
- MATOS. Alderi Souza de. “Colportores: heróis esquecidos da obra missionária no Brasil”. *Servos Ordenados*.
- MCGRATH. Alister E. *Teologia histórica*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.
- MEIN, John. *A Bíblia e como chegou até nós*. Rio de Janeiro: JUERP, 1990.
- REILY. Duncan A. *História documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1984.
- SCHAFF. David S. *Nossa crença e a de nossos pais*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1964.
- SOARES, Caleb. *Januário Antônio dos pés formosos*. Luz Para o Caminho: Campinas, 1996.